

ABORDAGEM VIVENCIAL EM AMBIENTE EDUCACIONAL: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA FORMAÇÃO HUMANA

EXPERIENTIAL APPROACH IN EDUCATIONAL SETTINGS: CONTRIBUTIONS OF PSYCHOLOGY TO HUMAN DEVELOPMENT

Jefferson Luis da Silva Cardoso¹, Rosângela Araújo Darwich²

¹Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura – PPGCLC/UNAMA. Universidade Federal Rural da Amazônia.

Contato: jefferson.cardoso@ufra.edu.br

²Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará – PPGTPC/UFPA. Universidade da Amazônia – UNAMA.

Contato:

rosangeladarwich@yahoo.com.br

Resumo

O trabalho é um relato de experiência profissional, resultado de intervenção vivencial em uma escola pública do estado do Pará. O objetivo é refletir sobre a importância do trabalho psicomotivacional com crianças e pré-adolescentes no ambiente escolar, na direção do autocontrole emocional, autonomia e independência de ações coletivas. A metodologia tem abordagem qualitativa, intervenção vivencial com 42 alunos e faz análise interpretativa dos resultados. Em conclusão, as ações do grupo vivencial contribuíram para melhoria da realidade imediata, tanto dos profissionais envolvidos, quanto do público-alvo a partir de temas geradores, como respeito, compaixão e gentileza.

Palavras-chave: abordagem vivencial; psicologia educacional; intervenção em ambiente escolar.

Abstract

The work is a report of professional experience, the result of an experiential intervention in a public school in the state of Pará. The objective is to reflect on the importance of psychomotivational work with children and pre-adolescents in the school environment, towards emotional self-control, autonomy and independence of collective actions. The methodology has a qualitative approach, experiential intervention with 42 students and interpretive analysis of the results. In conclusion, the actions of the experiential group contributed to improving the immediate reality, both of the professionals involved and the target audience based on generating themes, such as respect, compassion and kindness.

Keywords: experiential approach; educational psychology; intervention in a school environment.

Editor-associado: Natália de Oliveira Viana

Recebido em: 07/06/2024

Aceito em: 17/02/2025

Publicado em: 13/07/2026

Citar: Cardoso, J. F. da, & Darwich, R. A. (2026). Abordagem vivencial em ambiente educacional: contribuições da psicologia para formação humana. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 14(1), 394-407.

Introdução

O ambiente escolar historicamente constituído congrega uma diversidade de conhecimentos, saberes e práticas sociais que traduz os diferentes tempos sociais, tendo participação ativa no processo de emancipação integral do ser humano, incluindo seus modos de ser e viver em coletividade. Nesse contexto, as relações estabelecidas nas escolas são literalmente repletas de simbolismo, anacronismos e horizontes possíveis para construção de uma sociedade mais justa, igualitária, equitativa e democrática. Embora o trabalho educacional realizado pelas instituições de

ensino seja fundamental, a interação com seres humanos inevitavelmente envolve divergências, desentendimentos, diferentes comportamentos, atitudes e sentimentos diversos, os quais têm sido transformados em um trabalho social de orientação por parte dos profissionais da educação.

Surgem, no contexto escolar, os profissionais que atuam na área da psicologia, no sentido de conduzir as situações que ocorrem na ambiência educativa. A psicopedagogia, por exemplo, atua na premissa de alinhar os saberes e práticas da pedagogia à psicologia, recebendo a influência direta de outras áreas, como medicina e neuropsicologia, com base em perspectivas como a humanística-existencial. Esta corrente filosófica aposta na visão de ser humano que é capaz de realizar suas próprias escolhas, o conduz ao reconhecimento de suas potencialidades e fraquezas, no sentido de lidar com suas emoções e buscar o autocontrole emocional (Rusu, 2019).

Dessa forma, o presente relato faz parte das ações do grupo de pesquisa que aborda temas relacionados a “Vivências e Resiliência”, vinculado a uma Universidade particular em funcionamento no estado do Pará, que congrega pesquisadores, professores e alunos de graduação e da pós-graduação, além de profissionais da psicologia e de áreas correlatas, apresentando um trabalho em várias frentes de atuação que abrange de crianças a idosos, no sentido de contribuir para com o equilíbrio da saúde mental e física dos envolvidos.

Em linhas gerais, o presente texto é um relato de dois processos de formação e vivência, o primeiro organizado e sistematizado com alunos do curso de Psicologia da Universidade participante e o segundo, com crianças e jovens que são alunos do 6º ano e do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual. O objetivo do relato é refletir sobre a importância do trabalho motivacional com crianças e pré-adolescentes no ambiente escolar, na direção do autocontrole emocional, autonomia e independência de ações coletivas.

Para sua elaboração, o artigo além da introdução com as considerações iniciais que caracterizam a pesquisa, a metodologia que aponta para os procedimentos utilizados para consecução dos objetivos e, as considerações finais com os principais apontamentos sobre o resultado da abordagem vivencial, conta com uma seção que traz a discussão teórica que relaciona à abordagem vivencial ao cotidiano escolar e, a segunda seção que revela dois encontros vivenciais: o primeiro com os alunos de graduação em psicologia, resultado das ações do grupo de pesquisa do qual se origina o presente estudo e, o encontro com os alunos do ensino fundamental maior, como demanda da escola em que foi realizada a intervenção do grupo vivencial com as discussões sobre respeito, gentileza e compaixão.

Abordagem Vivencial em Ambiente Escolar: Horizontes Psicopedagógicos em Destaque

A escola, como instância formadora de uma sociedade, tem papel fundamental para que os sujeitos lá inseridos, possam tornar-se independentes e autônomos de suas decisões. Nas

considerações de Dubet (2011), a socialização por meio da escola, que possui seus valores e regras, possibilita aos educandos a formação e o desenvolvimento das suas subjetividades, permitindo assim, que o processo crítico-reflexivo seja alcançado, trabalhado e executado pelo homem escolarizado. Na mesma linha de raciocínio, a socialização é vista por Piletti (1986), como uma ambientação aos processos sociais de agir, pensar e sentir, para que seus desejos e sentimentos sejam permitidos socialmente.

Diante disso, a vida na coletividade exige seguir certos padrões sociais, para que a boa convivência seja experimentada e obtenha, mais reflexos positivos do que negativos na vida das pessoas, uma vez que “[...] para sua manutenção individual e sobrevivência como vida da espécie requer a companhia de outros.” já indica Arendt (2007, p.40), sobre a necessidade humana de compartilhar experiências, saberes e práticas sociais. Nesse contexto, os papéis sociais devem ser delimitados pelas relações estabelecidas na condição “Eu e o Outro” e vice-versa, no sentido de compreender que “[...] existem outros egos individuais de natureza psíquica, exteriores a nós, mas que somos incapazes de apreender de uma forma adequada naquilo que constitui a sua essência. Isto é algo absolutamente evidente” (Scheler, 1971, p.353), sendo necessária à consciência coletiva.

No cotidiano escolar por exemplo, os sujeitos com suas subjetividades que inclui visões, ações e reflexões, estão imbricados na extensa relação social que demanda relacionamentos, cuidados, compaixão, alteridades e resiliências, fatores imprescindíveis para construção de um ambiente relacional saudável e permeado pelo respeito mútuo. Na observação de Honneth (1996), esse ambiente exige o exercício da vida social, que segundo o autor, é governada pelo reconhecimento de si e do outro, para que sejam legitimadas as necessidades dos sujeitos, até porque “[...] jamais pensamos sozinhos, mas sempre na corrente de um diálogo ou de um multidiálogo, real ou imaginado” (Lévy, 2000, p.97) que possui ressonância na realidade imediata.

Nesse convívio das trocas escolares coletivas, a figura de profissionais, formados na área da psicologia pode contribuir para que grandes mudanças ocorram na realidade escolar, como por exemplo, possibilitar aos envolvidos a capacidade de evolução psicossocial, no sentido do ser, pensar e agir. No ambiente escolar, costuma-se organizar da melhor maneira possível, as condições para que o ensino aconteça de forma satisfatória, tanto sobre os fatores da aprendizagem dos alunos, quanto da solução dos problemas oriundos da sala de aula (Weiss, 2001). Nos apontamentos de Castro (2014), o psicopedagogo institucional, além de preocupar-se com os processos de aprendizagem dos alunos, está também, focado em contribuir nas relações interpessoais entre alunos e professores, na medida em que, pretende revelar principalmente aos alunos, que cada sujeito possui sua personalidade, subjetividade e experiências próprias, o que torna a convivência mútua em um grande cenário de descobertas na relação - Eu e o Outro.

Na intenção máxima de contribuir para harmonia do ambiente escolar, pontua-se que não existe atuação psicopedagógica na escola sem a postura do ouvir, do falar e do propor. A intervenção do psicopedagogo tem que está regada do seu saber, da sua criatividade, da sua perspicácia, para que tenha condições de adaptar o trabalho a que se propõe, de acordo com as necessidades e possibilidades do contexto educacional em que está atuando (Pontes, 2010, p. 426).

Apesar da inegável participação e contribuição dos psicopedagogos nas escolas, o ideal é que os psicólogos possam, cada vez mais, fazer-se presente neste local, haja vista sua oportuna visão para o processo de desenvolvimento das pessoas. No contexto escolar eles acompanham os processos de ensino e aprendizagem; contribuem com o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da comunidade escolar; destacam a função social da escola na promoção de cidadania e equilibram a saúde mental e física da comunidade escolar (Martínez, 2010; Cassins et al., 2007). O próprio Conselho Federal de Psicologia na Resolução nº 013/07, relaciona a Escola como campo de atuação e focado em três áreas correlacionadas: 1) Atua na elaboração do Projeto Pedagógico; 2) Desenvolvimento de novos procedimentos educacionais; e, 3) Intervenção no clima educacional (CFP, 2007).

Assim, Andrada (2005) indica que,

em meio a estas práticas centrais, o psicólogo escolar tenta solidificar sua atuação profissional e capacitar-se tecnicamente para atender as demandas peculiares da escola. Torna-se imprescindível, então, que ele adentre o universo dos mais variados diálogos da educação, [...] propostas de trabalho que visem a uma resignificação de olhares sobre o aluno e à redução de rotulações e diagnósticos desprovidos de análises e observações convincentes (Andrada, 2005, p. 137).

O cenário aponta que o psicólogo no ambiente escolar tem a possibilidade de, em conjunto com a equipe pedagógica e professores, repassar o conhecimento da área para que o aluno seja observado na sua diversidade e, ao mesmo tempo, na sua unicidade. Patto (1997), adverte que este encaminhamento faz com que os professores otimizem as aprendizagens dos alunos com base na transposição reflexiva dos conteúdos trabalhados em sala de aula, no sentido de que seja útil para sua construção social, cultural e humana. No mesmo horizonte, Almeida (2006) enfatiza que a atuação dos psicólogos na escola, possui um caráter humanizador, na medida em que, atua para antecipar, reconhecer e solucionar problemas psicossociais que tem impedido, por vezes, a autorrealização dos alunos e inibido suas potencialidades. Por tudo isso, tem sido cada vez necessária e oportuna, sua presença na escola pública.

Metodologia

O presente trabalho adotou a abordagem qualitativa, considerando as impressões pessoais, relações e experiências sociais que permitem reconhecer as especificidades dos fenômenos observados. Foi realizado um estudo descritivo de caráter bibliográfico, a fim de levantar publicações

científicas que permitissem conhecer o que já foi produzido sobre o assunto em análise (Gil, 2008; Severino, 2013).

A pesquisa intervenção fez parte do itinerário da pesquisa, haja vista sua capacidade de investigar a vida coletiva na sua diversidade e caráter sociopolítico (Rocha, 2001). Por fim, realizou-se uma análise interpretativa dos autores que fazem parte do referencial teórico no sentido de evidenciar a importância da psicopedagogia no ambiente escolar e sua ressonância para o controle das emoções, do autorreconhecimento e da autonomia sentimental da comunidade escolar com foco no alunado (Flick, 2009).

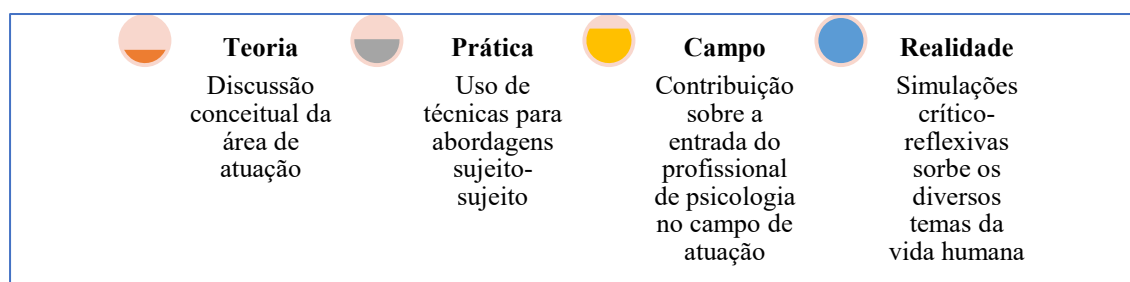
A Vivência Educacional em Dois Movimentos

Primeiro encontro: formação com estudantes de Psicologia

As vivências vinculadas ao projeto, buscam, entre vários objetivos, fornecer repertório teórico-prático para condução de atividades com diversos públicos, crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos. O encontro com os estudantes de psicologia possui um caráter múltiplo, que pode ser melhor observado na ilustração a seguir, uma vez que busca a sólida formação profissional baseada em acontecimentos reais do cotidiano, para que compreendam seu papel na interação com o outro e assim, possam conduzir os sujeitos ao autocontrole de suas emoções, ações e deliberações no confronto com a diversidade social.

Figura 1

Contribuição dos encontros vivenciais para os profissionais em formação



Nota. Elaborado pelos autores (2024).

O encontro com os estudantes de Psicologia aconteceu nas dependências da instituição, que cursavam diferentes períodos, aconteceu no primeiro semestre de 2023, com o tema “Afetividade no trabalho com crianças: o papel do facilitador na condução das emoções” e contou com a participação de quinze alunos em três momentos: 1) Abordagem teórica do tema proposto e 2) Produção de material didático sobre o tema e 3) Exposição do material produzido.

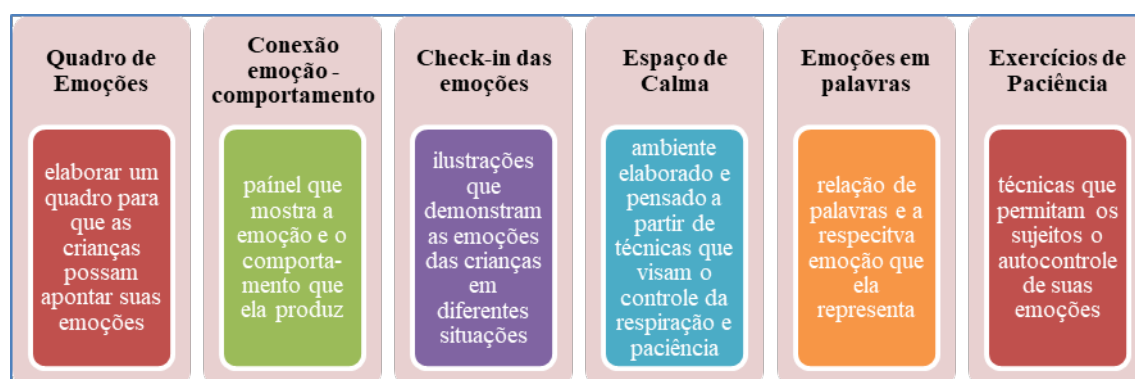
Assim, no primeiro momento foi discutido os seguintes assuntos:

- 1) *Os diferentes espaços pelos quais os psicólogos atuam* – ambiente escolar, empresarial, organizações públicas, jurídicas, esporte e lazer, clínicas, hospitais, organizações não-governamentais e outras.
- 2) *A afetividade no trabalho com crianças* – foi abordada a perspectiva socioafetiva de Henri Wallon, baseada na visão sociocultural que estimula a autopercepção, desenvolvimento do pensamento infantil, o convívio criança-adultos, constituição da emoção como eixo central de seus estudos, a importância da educação como direcionadora das interações sociais e que conduzem as emoções dos sujeitos.
- 3) *As estratégias para mediar a inteligência emocional das crianças* – o foco na atividade com crianças é a ludicidade. A partir disso, é possível trabalhar a percepção das emoções de diversas formas, como por exemplo, arte e esporte, ajudar a identificar suas emoções em diferentes graus e intensidades, trabalhar a frustração e a resiliência a partir do autocontrole.
- 4) *A formação de mediadores* – o mediador é percebido como o agente que irá conduzir certas atividades e fazer as conexões necessárias entre os temas abordados com a criança e o universo infantil, no uso de diferentes técnicas e linguagens.
- 5) *Os diferentes papéis do facilitador* – foram trabalhadas quatro imagens fundamentais: a) Participante – com atuação ativa nas vivências; b) Aprendiz – captar, selecionar e catalogar as diferentes formas de abordagens sujeito-sujeito; c) Educador – com posição ativa no grupo e repassa conteúdos importantes sobre o tema trabalhado e, d) Mediador – conector das pontes entre os saberes, conhecimentos e práticas com as vivências reais do cotidiano.

Já no segundo instante, os alunos foram divididos em seis grupos para criação de mapas mentais como objetos didáticos diferentes e posterior apresentação. A atividade foi sistematizada como mostram as imagens em tela.

Figura 2

Mapas mentais sobre afetividade e controle das emoções



Nota. Elaborado pelos autores (2024).

Figura 3

Mosaico do processo de produção e exposição dos mapas mentais



Nota. Elaborado pelos autores (2024).

Após a produção dos mapas mentais como destacado na imagem anterior, houve a exposição dialogada pelos participantes. Cada equipe teve dez minutos para falar sobre a atividade e a importância da técnica para o trabalho com crianças. Considerou-se a atividade um sucesso, haja vista a habilidade com que os alunos de graduação executaram seus mapas, a propriedade com que expuseram seu conhecimento sobre o assunto e a forma como pretendem utilizar no momento em que estiveram no trabalho com o público infantil em ambientes escolares. É importante frisar o que diz Carpigiani (2000), sobre o papel e contribuição da psicologia no contexto escolar,

a Psicologia Educacional é uma fonte de informações que funcionam como um pano de fundo auxiliar para o educador adquirir e repensar suas ações, assim como para reformular e verificar hipóteses viáveis no contexto acadêmico, gerando pesquisa e ensinos férteis e úteis à sociedade (Carpigiani, 2000, p. 86).

Destaca-se ainda, a leveza com que os estudantes trataram do assunto, sua abordagem e firmeza nas apresentações, o que demonstra foco e determinação em seus processos de formação na universidade. Ao final, pontuaram a importância dos momentos de capacitação para sua profissão, uma vez que nessas oportunidades, podem demonstrar parte do que aprendem em sala de aula e relacionar a teoria com a prática de maneira mais efetiva. Nessa relação, a teoria transforma de maneira consciente os fatos na sua materialização efetiva no mundo, o que dá vazão à prática, como forma do agir na realidade, na sua ação inter-humana e consciente (Candau, 2013; Vásquez, 2011). Após a formação com os estudantes de graduação em Psicologia, a intervenção foi realizada na escola lócus da pesquisa.

Segundo encontro: vivência com alunos do ensino fundamental

Após o encontro com os futuros profissionais de Psicologia, a atuação se concentra em diversos grupos: crianças, jovens, adolescentes e idosos. Neste texto em especial, foca-se em dois encontros realizados em uma escola estadual de ensino fundamental e médio do bairro da Umarizal, Belém/PA. Está situada em perímetro urbano e de fácil acesso à comunidade escolar. A ação foi solicitada pela coordenação pedagógica da escola, que repassou a demanda sendo atendida posteriormente. O ambiente escolar, que pode ser considerado de grande porte, contava com 1050 matriculados àquela época, nos três turnos – manhã, tarde e noite –, que cursam entre o ensino fundamental maior e o ensino médio.

Um contexto escolar com instalações adequadas, permite uma convivência diferenciada entre os atores sociais. Quanto aos espaços, a unidade educacional visitada passava por um longo período de revitalização de todas as suas instalações, desde o muro de entrada até os fundos. É um complexo que acomoda as salas da direção, coordenação pedagógica, secretaria escolar, sala dos professores, sala do Atendimento Educacional Especializado, Biblioteca, Sala de leitura, Laboratório de Ciências e Laboratório de informática equipado com 21 aparelhos. Ao centro a quadra coberta é circundada por 5 prédios que abrigam as dependências da comunidade escolar.

A infraestrutura escolar, quando disponibiliza dos recursos que possibilitam a constituição de um ambiente de qualidade percebida para o processo de ensino e aprendizagem, tem ação maximizadora da motivação do aluno, no sentido de sua participação nas atividades educativas facilitadas pelo professor (Rodrigues, 2021). Nesse âmbito, manter a motivação é fundamental para que alunos se sintam engajados nas tarefas executadas no ambiente escolar para que tenham êxito nos estudos, bem como possam desenvolver suas habilidades psíquicas, emocionais e ambientais (Camargo, Camargo, & Sousa, 2019). O professor na condição de mediador, estimulador e facilitador do conhecimento no ambiente escolar, “tende a reconhecer a sua importância no que diz respeito a formação e ao desenvolvimento dos seus alunos, além de ser um modelo na vida de muitos deles, num processo de interação que compreende a dificuldade ou os erros como um elemento próprio do processo de aprendizagem” (Oliveira, Miranda, & Bordas, 2021, p. 113).

A primeira classe visitada foi a do 6º ano do ensino fundamental com 20 alunos presentes na ação, que abrigava crianças e jovens com idades entre 10 e 15 anos. São 60% do gênero feminino e 40% do gênero masculino. Na percepção geral, haviam diferentes graus de aprendizagens, haja vista a série, por lei, indicar a presença de alunos com 10 anos no fluxo normal. Desse modo, a distorção série/idade é uma realidade na escola visitada. Esse primeiro encontro contou com a presença do palestrante e de uma graduanda de psicologia. O tema trabalhado foi “Atitudes” a partir do texto “Três

faces da mesma moeda: respeito, gentileza e compaixão” e teve como objetivo principal sensibilizar os participantes sobre os sentimentos envolvidos que podem determinar a gratidão.

Silva, Garcia e Ramos (2021), abordam a importância da regulação emocional que os professores podem usar em sala de aula para manter os alunos motivados e engajados no processo de ensino e aprendizagem, assim como alertam para a falta desse gerenciamento emocional afeta concretamente os estudantes em todos os níveis de ensino. Nas considerações de McRae e Gross (2020, p. 1, tradução dos autores) “a regulação emocional diz respeito às tentativas de influenciar as emoções nos outros ou em nós mesmos”, assim como fazem os professores em sala de aula com palavras de afirmação e de sucesso pelas atividades realizadas. Na mesma linha de pensamento, Bzuneck e Boruchovitch (2020), indicaram em seus estudos que os alunos usam da autorregulação da motivação e das emoções para suas relações interpessoais, realizar suas tarefas obrigatórias, enfrentar os desafios do ensino e lidar melhor com a questão do sucesso e do fracasso escolar.

De volta as discussões, no início da abordagem com os alunos foi dado as boas-vindas a todos, houve apresentação do palestrante – primeiro autor deste texto –, e da aluna de graduação que acompanhava a vivência. Em seguida, foi realizada uma dinâmica de grupo para interação e reconhecimento dos participantes visando uma aproximação com o universo infanto-juvenil. A dinâmica foi denominada como “Roda dos Conhecidos” que tem por objetivo analisar se os participantes de determinado coletivo, que mantém convivência diária, têm um bom relacionamento entre si. Tem duração média de vinte minutos e é indicada para um grupo de até 30 pessoas. A execução mostrou que os participantes, apesar de algumas pessoas apresentarem introversão, possuem conexão uns com os outros, haja vista todos os nomes terem sido lembrados e mencionados.

O segundo encontro aconteceu com a turma do 9º ano do ensino fundamental com 22 alunos presentes na ação, com adolescentes e jovens entre 14 e 17 anos. São 50% do gênero feminino e 50% do gênero masculino. Assim como na primeira turma, há a questão da distorção idade-série, haja vista que por ordem, a turma abrigaria alunos com 14 anos. Na percepção geral, a turma foi bem difícil de ser trabalhada, uma vez que se tratavam mais de adolescentes do que jovens. Foi necessário, durante o encontro, ao menos três chamadas mais incisivas para que não se perdesse o foco do trabalho. Apesar disso, a atividade aconteceu e seguiu o mesmo fluxo da primeira turma, com o mesmo tema trabalhado e houve diferenças interessantes quanto as perguntas – que será apresentado no quadro mais a frente – pois, se tratam de pessoas que caminham para o início da fase adulta e possuem outro tipo de interação social.

Desta vez foram utilizadas duas dinâmicas, por conta da agitação da turma e da fácil dispersão que ocorreu. A primeira utilizada foi “Estabelecendo conexões” que consiste no uso de um pequeno bastão apoiado no dedo indicador dos participantes em que todos estejam de pé em formato

de círculo. Há diversos comandos sem deixar o bastão cair como, “todos para direita”, “todos para esquerda”, “fechando o círculo”, “sobe”, “desce”, etc. para que se perceba o nível de concentração e entrosamento entre os participantes. A segunda dinâmica, realizada após 45 minutos em relação a primeira, foi chamada de “Rede de apoio” em que os participantes, primeiro são separados aos pares e postos frente a frente. Nesta posição, o comando é braço direito no ombro do amigo e perna esquerda levantada. A missão é fazer o movimento para baixo sem cair. Na segunda parte, em formato de círculo, o braço direito segue para o colega do lado e a perna direita é erguida. Pede-se nesse momento que fiquem na posição de sentar sem que ninguém solte ou caia no chão. A proposta é perceber o quanto necessitamos do próximo para realizar diversas tarefas.

Logo após as dinâmicas, é dado início as rodas de conversa sobre o tema proposto. Houve explanação em forma de questionamentos – ora com aprofundamento do palestrante, ora com perguntas direcionadas aos participantes – e, observação atenta do comportamento dos envolvidos. Como se esperava, houve diferentes interessantes entre as turmas. A primeira, por exemplo, não externou tantos conflitos entre os participantes, pela forma como se tratavam, reagiam as perguntas, participavam da dinâmica e respondiam as questões. Já a segunda turma, foi possível perceber certo distanciamento entre algumas pessoas, o que demanda um olhar mais cuidadoso por parte da escola, no sentido de manter a harmonia e bem-estar de todos.

No que se referem as perguntas, os resultados são apresentados no quadro a seguir.

Tabela 1

Posições sobre respeito, gentileza e compaixão

<i>Perguntas</i>	<i>1ª turma – 6º ano</i>			<i>2ª turma – 9º ano</i>		
	<i>Sempre</i>	<i>Quase sempre</i>	<i>Nunca</i>	<i>Sempre</i>	<i>Quase sempre</i>	<i>Nunca</i>
Sente que é respeitoso com o seu próximo?	90%	0%	10%	70%	30%	0%
Exercita a paciência com o colega de sala de aula?	70%	30%	0%	60%	40%	0%
Acredita ser gentil nas suas ações coletivas diárias?	80%	20%	0%	80%	10%	10%
Consegue perceber a sua autogentileza?	70%	20%	10%	50%	30%	20%
Consegue perceber sua compaixão pelo próximo?	90%	10%	0%	70%	30%	0%
Considera-se um bom amigo(a)?	100%	0%	0%	90%	10%	0%

Nota. Elaborado pelos autores (2024).

Foram realizadas duas perguntas de cada subtema: respeito, gentileza e compaixão, evidenciadas em sequência no quadro apresentado. Assim, pode-se perceber algumas situações interessantes entre as duas turmas. Vale a lembrança de que as idades são diferentes, assim como a

percepção de si mesmo, dado o grau de complexidade do ato reflexivo. Desse modo, sobre o respeito, enquanto na primeira turma marca-se 90% que sempre se acham respeitadas, esse percentual cai para 70% na segunda turma, porém, houve registro de 10% em nunca na primeira turma. Já em relação a paciência, pode-se perceber certa similaridade nos resultados, sempre e quase sempre estiveram bem próximos em ambas as turmas, 70% e 30% para primeira turma e 60% e 40% na segunda. Nas indicações de Freire (1996, p. 27) o respeito “[...] é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” e que deve sempre prevalecer nas relações sociais.

No que se refere a gentileza, a maioria dos participantes acha-se gentil, uma vez que não houve marcação de nunca para turma do 6º ano. Já o 9º ano, registrou 10% de nunca, revelando certa necessidade de mais abordagens sobre o tema. Quando se pergunta sobre a autogentileza, que seria o fato do autocuidado, autoajuda e autocontrole de si, os resultados são interessantes. Enquanto no 6º ano, a percepção do sempre é de 70%, no 9º ano ela cai para 50%, no inverso, o 9º ano marca 20% em nunca e o 6º ano 10%. São dados que podem demonstrar um certo desprendimento do autoconhecimento de si com o avançar da idade, uma vez que a fase escolar é permeada por muitos desafios, incluído questões de aceitação pessoal e das diferentes formas de ser, pensar e agir das pessoas. Vallerine (2023), ressalta que a gentileza é praticada de forma intencional e voluntária, sendo necessária até quando não é fácil agir desta forma e, ainda uma ação de autocuidado consigo mesmo.

Para fechar, a compaixão também foi alvo da ação. Os resultados apontaram que o 6º ano marcou 90% sempre, enquanto o 9º ano 70% para sempre. Sobre ser um bom amigo, novamente a primeira turma tem maior índice, marcando 100% para sempre enquanto a segunda, indicou 90%. É válido o pensamento de que uma menor idade tem mais propensão à compaixão. Ainda assim, vale o registro de que nesta questão, não houve marcação de nunca pelas turmas, o que pode demonstrar certo esforço nos processos de cuidar do outro e ter a capacidade de pôr-se no lugar do próximo em determinadas situações da vida. Nas considerações de Schopenhauer (1995), a compaixão é um fenômeno cotidiano que visa compreender e considerar genuinamente, o sofrimento do outro, no sentido de contribuir para o retorno do bem-estar e da felicidade.

Considerações Finais

As atividades do grupo de pesquisa, do qual este relato se origina, demonstram a afetividade das ações de extensão universitária por meio das diversas atividades vivenciais realizadas pelo grupo. Nesse contexto, destacam-se três contribuições marcantes: em primeiro lugar, a importância das capacitações para os alunos de graduação em psicologia, preparando-os para atuar profissionalmente no campo; em segundo, a presença de diversos pesquisadores, com sua variedade de saberes, liderando as capacitações e vivências; e em terceiro, a ação coletiva em grupos sociais diversos,

utilizando técnicas variadas e abordando temas sociais que visam a saúde mental e física dos envolvidos.

Além disso, trabalhar com temas socialmente relevantes, como o respeito, a gentileza e a compaixão, tem um impacto altamente positivo nos grupos de trabalho, especialmente considerando a demanda crescente por profissionais da área da psicologia nos diversos ambientes que configuram a sociedade contemporânea. Por exemplo, nas escolas, é comum que a coordenação pedagógica incorpore os temas que foram trabalhados pelo grupo vivencial, ampliando as responsabilidades para além das tarefas habituais e envolvendo a área da psicologia escolar. Os profissionais ou pesquisadores da psicologia conseguem abordar esses temas de forma diferenciada, identificando pontos fortes e fracos entre os alunos e repassando novas demandas à gestão escolar, para novas providências.

Quanto às aprendizagens, estas são múltiplas e diversas. Para os profissionais convidados pelo grupo para serem facilitadores, há oportunidades de aplicar e desenvolver suas atividades acadêmicas e profissionais na relação com práticas sociais. Para os alunos de graduação que participam das capacitações, é uma chance de desenvolver competências e habilidades necessárias para sua formação profissional, tanto conceituais, aprofundando a teoria, quanto cognitivas, aprendendo efetivamente ao longo do processo de formação, e atitudinais, capacitando-os a agir de maneira técnico-reflexiva diante dos problemas sociais que demandam um olhar mais cuidadoso e atento por parte de todos.

Em resumo, o grupo vivencial busca contribuir para a melhoria da realidade imediata de seus pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação, e dos participantes das ações, incluindo crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos. Isso ocorre ao estimular a conscientização sobre seus próprios limites e ao incentivar o olhar para si e para o outro como forma de compreensão do mundo e das possibilidades de mudança que são urgentes. Socialmente, o grupo retorna à comunidade serviços especializados de autoajuda, autocuidado e resiliência, visando à superação das situações-limite da vida.

Referências Bibliográficas

- Almeida, S. F. C. (2006). *Psicologia Escolar: ética e competência na formação e atuação profissional*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Andrada, E. G. C. (2005). Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 18, n. 2, 196-199.
<https://www.scielo.br/j/prc/a/fsyKnWZcGR78wdVGNVscVFF/?format=pdf&lang=pt>.
- Arendt, H. (2007). *A Condição Humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Bzuneck, J. A.; Boruchovitch, E. (2020). Autorregulação da motivação e das emoções: inter-relações, implicações e desafios. In: Frison, L. M. B.; Boruchovitch, E. *Autorregulação da aprendizagem: cenários, desafios, perspectivas para o contexto educativo*. Petrópolis: Vozes. p.192-212.
- Camargo, C. A. C. M., Camargo, M. A. F. & Souza, V. O. (2019). A importância da motivação no processo ensino-aprendizagem. *Rev. Thema*, v. 16, n.3, p. 598- 606.
- Candau, V. M. (2013). Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: Moreira, A. F.; Candau, V. M. (orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10 ed. Petrópolis: Vozes.
- Carpigiani, B. (2000). *Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira.
- Cassins, A. M., et al. (2007). *Manual de psicologia escolar-educacional*. Gráfica e Editora Unificado. 2007.
- Castro, M. L. G. (2004). O olhar psicopedagógico na instituição educacional: o psicopedagogo como agente de inclusão social. *Rev. Psicopedagogia*, v.65, n.21. <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/353/o-olhar-psicopedagogico-na-instituicao-educacional--o-psicopedagogo-como-agente-de-inclusao-social>.
- Conselho Federal De Psicologia. (2007). *Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro nº 013/07*. http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2007_13.pdf
- Dubet, F. (2011). Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. *Revista Brasileira de Educação*. Vol.16, no.47, p.289-305. Rio de Janeiro. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782011000200002&script=sci_arttext.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. 36ªed. São Paulo: Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Honneth, A. (1996). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34.
- Lévy, P. (2000). *O que é virtual?* Tradução: Neves, Paulo. São Paulo: Editora 34.
- Martinez, A. M. (2010). O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em Aberto*, v.23, n.83, pp. 39-56. <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/6292>
- Mcrae, K.; Gross, J. J. (2020). Emotion regulation. *Emotion*, v. 20, n. 1, p. 1-9.
- Oliveira, O. N. S.; Miranda, T. G.; Bordas, M. A. G. (2020). Análise das relações interpessoais dos professores de atendimento educacional especializado da região do piemonte. *Pensar Acadêmico*, Manhuaçu, v. 19, n. 1, p. 111-122.

- Patto, M. H. S. (Org.). (1997). *Introdução à Psicologia escolar*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Piletti, N. (1986). *Sociologia da Educação*. 3ªed. São Paulo: Ática, 1986.
- Pontes, I. A. M. (2010). Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim. *Rev. Psicopedagogia*. v.27(84):417-427.
<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/196/atuacao-psicopedagogica-nocontexto-escolar--manipulacao--nao--contribuicao--sim>.
- Rocha, M. L. (2001). Formação e Prática Docente: Implicações com a Pesquisa Intervenção. Em I.M. Maciel (org.). *Psicologia e Educação: Novos Caminhos Para a Formação*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, pp. 175-191.
- Rodrigues, I. A. (2021). *A importância da organização do espaço escolar para o desenvolvimento e aprendizagem da criança na educação infantil*. 2021. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Rusu, M. et al. (2019). The process of self-realization—From the humanist psychology perspective. *Psychology*, v. 10, n. 08, p. 1095.
<https://www.scirp.org/journal/paperinformation?paperid=93327>.
- Scheler, M. (1971). *Nature et formes de la sympathie*. Paris: Payot.
- Schopenhauer, A. (1995). *Sobre o fundamento da moral*. São Paulo: Martins Fontes.
- Severino, A. J. (2013). *Metodologia do trabalho científico*. [Livro eletrônico] - 1. ed. - São Paulo: Cortez.
- Silva, J. G. C.; Garcia, L. A. (2021). Ramos, M. F. H. Autorregulação emocional na perspectiva social cognitiva: uma revisão integrativa. *Comunicações*, v. 28, n. 2, p. 21-41.
- Vallerine, R. (2023). *Gentileza nas relações humanas! O progresso digital*.
<https://oprogressodetatui.com.br/gentileza-nas-relacoes-humanas/>
- Vázquez, A. S. (2011). *Filosofia da Práxis*. Trad. Maria Encarnación Moya. 2a ed. São Paulo: Expressão Popular.
- Weiss, M. L. (2001). *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. 8°. ed. Rio de Janeiro: Lamparina.